

TERMINOGRAFIA NAS LÍNGUAS DE SINAIS: UMA PROPOSTA DE ORGANIZAÇÃO E REGISTRO DE GLOSSÁRIOS BILÍNGUES

Terminography in the languages of signals: a proposal for the organization and registration of bilingual glossarys

Patricia Tuxi¹

RESUMO EM LIBRAS



RESUMO

Este trabalho se insere na linha de pesquisa da Terminologia, em especial da Terminografia. O objetivo é criar uma proposta de organização e registro de glossário bilíngue, Língua Portuguesa – LP – e Língua de Sinais Brasileira – LSB –, línguas de modalidades diferentes. O percurso metodológico foi o de estruturar os termos e definições, no caso da LP, e de criar, registrar e editar os sinais-termo na Língua de Sinais Brasileira. O processo de criação dos sinais-termo teve como base teórica a teoria geral dos signos de Peirce (1975), na qual o signo linguístico neste trabalho compreendido como sinal-termo na LS constitui-se pela abstração mental do conceito e significado que o objeto representa na mente do interpretante, no caso, o surdo. Portanto o termo e

¹ Professora Adjunta no Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP, do Instituto de Letras – IL, na Universidade de Brasília – UnB, Distrito Federal, Brasil. E-mail: ptuxiiinterprete@gmail.com.

o sinal-termo são unidades terminológicas específicas que apresentam formas de registro e organização distintas. O resultado é uma proposta terminográfica que possibilita a construção de glossários que contemplem a especialidade linguística do surdo em especial para uso no sistema educacional bilíngue.

Palavras-chave: Terminologia. Glossário bilíngue. Sinais-termo. Signo linguístico.

ABSTRACT: This work is part of the Terminology research line, especially in Terminography. The objective is to create a proposal for the organization and registration of a bilingual glossary, Portuguese Language – LP – and Brazilian Sign Language – LSB –, which are languages of different modalities. The methodological course was to structure the terms and definitions, in the case of the Portuguese Language, and the creation, registration and edition of term signs in the Brazilian Sign Language. The process of creation of the term-sign was based on Peirce's theory of linguistic sign (1975) in which the linguistic sign that makes up the sign-term in SL is constituted by the mental abstraction of the concept and meaning that the object represents in the mind of the interpretant, in this case the deaf person. Therefore, the term and the term-signal are specific terminological units that present distinct forms of registration and organization. The result is a terminological proposal that allows the construction of glossaries that contemplate the linguistic specificity of the deaf, especially for use in the bilingual educational system.

Keywords: Terminology. Bilingual glossary. Signs-Term. Signo Linguistic.

INTRODUÇÃO

Este trabalho se insere na linha de pesquisa Léxico e Terminologia das Línguas de Sinais – LS –, em especial nos estudos da Terminografia, desenvolvidos no Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos – CentroLexterm – e no Laboratório de Linguística de Língua de Sinais – LabLibras –, da Universidade

de Brasília. O objetivo é apresentar uma proposta de organização e registro de glossários bilíngues – Língua Portuguesa –, LP – e Língua de Sinais Brasileira – LSB –, baseada nas pesquisas de Tuxi (2017).

Para alcançar o objetivo, esta pesquisa propõe-se a: i) apresentar como está o desenvolvimento no Brasil de estudos teóricos terminológicos com foco nas línguas de sinais; ii) descrever a construção conceitual do sinal-termo e a diferença de registro desse do termo; iii) analisar as macro e microestruturas de obras terminográficas bilíngues baseadas no modelo de Faulstich(2010) e; iv) demonstrar uma proposta de organização e registro de glossários bilíngues que respeitem a estrutura do verbete e atendam à especificidade da LP e da LSB. Dessa forma, apresentamos os verbetes em cada uma das línguas com estruturas distintas, pois o termo e o sinal-termo são unidades terminológicas específicas e, portanto, devem ser registradas e organizadas de forma apropriada.

A proposta de estrutura e organização de glossário se fundamenta nos pressupostos teóricos da Terminologia e da Terminografia e pretende se juntar às pesquisas já realizadas e em andamento sobre a Linguística da Língua de Sinais, com foco na Terminologia como Faulstich (1997, 1998, 2001, 2016, 2006, 2007, 2010, 2012, 2014 e 2016); Stumpf (2013, 2014 e 2015); Oliveira (2013, 2014 e 20150); Farias Nascimento (2003,2009 e 2011), Castro Junior (2016 e 2017); Nascimento (2016) Prometi (2014), Ramos (2014) e Felten (2016). Toda a pesquisa tem como intuito auxiliar no processo de reconhecimento do aspecto conceitual e científico que a LSB apresenta.

Vale destacar que esta pesquisa prima pela peculiaridade entre o termo e o sinal-termo. O sinal-termo possui características, baseadas no processo de criação que permite estruturar em categorias como: i) iconicidade mental (FAULSTICH, 2007); ii) representação processual e iii) abstração conceitual. Essa proposição se baseia na Teoria dos Estudos Terminológicos do sinal- termo desenvolvido por Faulstich (2016), na qual se postula que há uma diferença entre sinais usados na linguagem comum e nas linguagens de especialidade, razão pela qual a autora sugere a criação do sinal-termo para responder às necessidades contextuais e cotextuais em que o léxico é empregado (FAULSTICH, 2016, p.4).

Dessa forma apresentamos como modelo de glossário bilíngue uma proposta de estrutura e organização do glossário bilíngue de termos técnicos e administrativos do meio acadêmico da Universidade de Brasília, voltado para discentes bilíngues e profissionais dessa instituição. O resultado é a construção de glossários que contemplam a especialidade linguística do surdo, em especial para o uso no sistema educacional bilíngue.

1. OS ESTUDOS DA TERMINOLOGIA NAS LÍNGUAS DE SINAIS: NOVOS TEMPOS

Os estudos em LSB configuraram um novo espaço de pesquisa do Léxico e da Terminologia no âmbito científico. Este movimento ocorre em virtude do crescimento nas diversas áreas do conhecimento e do aumento de glossários e dicionários e em virtude da ampliação das pesquisas em Terminologia das línguas de sinais que passaram a existir de fato. O número de produções acadêmicas cresceu substancialmente.

Na composição deste artigo, analisamos 33 trabalhos acadêmicos que versam sobre o tema Léxico e Terminologia das Línguas de Sinais. Como resultado, elaboramos um gráfico que demonstra as pesquisas desenvolvidas desde a iniciação científica até às produções acadêmicas na pós-graduação no Brasil. De modo geral, essas pesquisas apresentam traços de criação, descrição, categorização, organização e registro de léxicos ou de terminologias na Língua de Sinais Brasileira. Notamos, também, que elas datam do período de 2007 a 2017, ou seja, representam uma década de pesquisa.

O gráfico abaixo evidencia que os estudos no mestrado têm uma constância nas produções. Entre os anos de 2011 e 2015, verificamos um crescimento significativo na quantidade de publicações ocorridas nessa fase de pesquisa, o que nos parece um marco na ampliação da análise e descrição da Lexicologia e Terminologia da LSB na época.

A primeira defesa de doutorado na área acontece no ano de 2009. Em seguida, nova defesa ocorre em 2012 e, posteriormente, em 2016. Essas pesquisas ocorreram em duas universida-

des: na Universidade de Brasília (UnB) e na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Destacamos que, na UnB, o objeto de estudo é a produção de glossários bilíngues e semibilíngues.

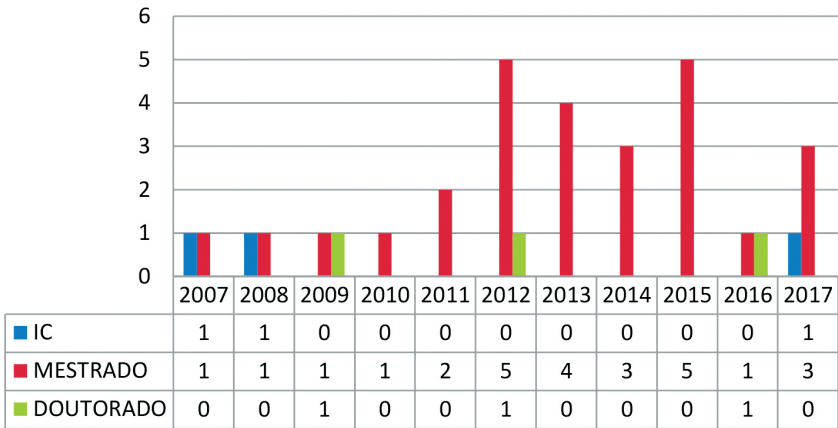


Gráfico 1 – Estudos de léxico e terminologia da LSB – da iniciação científica à pós-graduação

Concluída a pesquisa, optamos por destacar os estudos que utilizam a terminologia sinal-termo, em que o termo atual é utilizado quando se refere às línguas de sinais. A criação de uma nomenclatura específica da área para as línguas de sinais ocorreu como forma de registro do conceito e uso do sinal por área de especialidade. É preciso remarcar que a expressão sinal-termo foi criada em 2012 por Faulstich e hoje é considerado o termo de estudo e uso em pesquisas e publicações na área da Terminologia. Dentre as pesquisas que utilizam esse termo e já foram defendidas no meio acadêmico na área da Terminologia, destacamos: Costa (2012); Prometi (2013); Douettes (2015); Nascimento (2016); Felten (2016) e Tuxi (2017). Estes trabalhos defendidos e aprovados foram a base da nossa pesquisa para analisar propostas de criação, conceituação, organização e registro do sinal-termo, conceito que apresentamos no próximo tópico.

2. A CRIAÇÃO DO CONCEITO DE SINAL-TERMO

Uma nota lexical publicada pelo Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos – Centro Lexterm², da Universidade de Brasília, UnB – explica que a expressão sinal-termo foi criada por Faulstich (2012) durante a orientação de mestrado de Messias Costa (2012). O conceito surgiu em decorrência de reflexão sobre o sinal, inserido no discurso especializado no campo terminológico em língua de sinais.

“A palavra sinal é de origem latina, *signalis*, e quer dizer ‘que serve de signo, de sinal’. No início tinha valor de adjetivo, mas, posteriormente, passou a substantivo para designar ‘uma unidade de informação’. Por sua vez, a palavra *termo*, também de origem latina, *terminus*, quer dizer ‘limite, fim, extremidade, *determinatum*’. Convém observar que *signo linguístico*³ é unidade linguística constituída pela união de um conceito para chegar ao(s) significado(s). A composição sinal-termo é, portanto, uma nova terminologia que une dois conceitos expressivos, para designar um significado concreto em língua de sinais.” (FAULSTICH, 2012. <http://www.centrolexterm.com.br>).

Atualmente os termos *sinal* e *sinal-termo* fazem parte do glossário sistêmico de léxico terminológico em língua de sinais apresentado no trabalho *Procedimentos básicos para glossário sistêmico de léxico terminológico: uma proposta para pesquisadores de língua de sinais* de Faulstich (2016, p.9).

² O Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos – Centro Lexterm – do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP), da Universidade de Brasília, é um organismo dedicado à pesquisa científica e técnica e à formação de pós-graduados, tal como prevê o Regulamento. Os Estudos Lexicais e Terminológicos dedicam-se às atividades científicas e profissionais dirigidas à resolução de problemas linguísticos e de comunicação e também ao atendimento de necessidades linguísticas de organismos e de instituições. Com este propósito, o Centro Lexterm trabalha em pesquisa fundamental e na constituição de instrumentos e de recursos relacionados com as aplicações da linguagem – <http://www.centrolexterm.com.br>.

³ Grifo nosso.

Sinal

1. Sistema de relações que constitui de modo organizado as línguas de sinais.
2. Propriedades linguísticas das línguas dos surdos. Nota: a forma plural – sinais – é a que aparece na composição língua de sinais.

Sinal-termo

1. Termo da LSB que representa conceitos com características de linguagem especializada, próprias de classe de objetos, de relações ou de entidades. 2. Termo criado para, na Língua de Sinais Brasileira, denotar conceitos contidos nas palavras simples, compostas, símbolos ou fórmulas, usados nas áreas especializadas do conhecimento e do saber. 3. Termo adaptado do português para representar conceitos por meio de palavras simples, compostas, símbolos ou fórmulas, usados nas áreas especializadas do conhecimento da LSB.

Por analisarmos a estrutura e a organização dos sinais-termo, acreditamos ser importante compreender como ocorre a constituição conceitual do sinal-termo por meio do signo linguístico pela perspectiva teórica.

2.1 A constituição conceitual do sinal-termo por meio do signo linguístico

A unidade lexical é o signo linguístico que compõe o léxico de uma língua. Nas Línguas de Sinais – LS, essa unidade é o sinal, por meio do qual o usuário estabelece relação comunicativa com o mundo. Além disso, é pela língua que as estruturas, compostas de palavras ou de sinais, representam as ideias. (TUXI, 2017, p.71).

Assim sendo, tanto as LS como as demais Línguas Orais – LO – possuem caráter linguístico que reitera sua constituição como língua – composta de estrutura e elementos que possibilitam a comunicação entre pessoas – e frisa a relevância dos aspectos epistemológicos que asseguram sua legitimidade (STOKOE, 2005).

Neste artigo, apresentamos a estrutura do signo linguístico que constitui um sinal-termo. Na tese defendida por Tuxi (2017), a constituição do signo linguístico do sinal-termo em LSB é baseada na abstração mental do conceito, pois:

Assim sendo, o termo e o sinal-termo correspondem a unidades terminológicas específicas que apresentam formas de registro e organização distintas. Para tanto, consideramos como hipótese a possibilidade de o sinal-termo resultar da elaboração do conceito do termo. Em outras palavras, postulamos que, a concepção do sinal-termo pode ocorrer a partir da captação das características estruturais da própria definição do objeto, pois o signo linguístico das LS, no caso a LSB, constrói uma noção linguística que permite ao sinal e ao sinal-termo atuarem como elementos constitutivos e conceituais na LS. (TUXI, 2017, p.74).

O primeiro estudo sobre signo linguístico e sobre as línguas de sinais foi realizado por Fausltich (2007) que analisa a constituição do signo por meio de diferentes teorias do significado, porém neste trabalho, demonstraremos a partir de duas abordagens: estruturalista e funcionalista. Essa escolha advém da percepção relacional de dependência existente entre a estrutura lexical e a estrutura gramatical, uma vez que ambas as estruturas são variáveis e dependentes entre si, como se percebe na citação a seguir:

Justificamos este caminho com base na hipótese funcionalista, segundo a qual a estrutura gramatical depende do uso que se faz da língua, ou seja, a estrutura é motivada pela situação em que a comunicação entre os interlocutores se faz necessária. Entendemos que, se a estrutura gramatical é dependente do uso, o mesmo se passa com a estrutura lexical, uma vez que léxico e gramática são indissociáveis. (FAULSTICH, 2007, p. 143).

Como acentua Faulstich (2007), o léxico não é uma unidade isolada, uma lista de palavras, mas sim uma estrutura ligada

ao arcabouço gramatical que incide sobre a organização da língua nos processos de comunicação. À vista disso, o léxico está ligado à gramática na constituição de uma língua, portanto, apresenta elementos determinantes para o contexto de uso da língua nas relações sociais.

Dessa maneira, é possível perceber a importância do pensar, pelo uso e pela função do termo na língua e com isso formar novas palavras. Se faz necessário pensar na estrutura da língua e do seu uso nos diversos discursos, que nesse texto trata do discurso de especialidade. O movimento de questionar o sinal que vem sendo utilizado, em área específica, possibilita um novo termo, que em língua de sinais é o sinal-termo que deve poder ser reconhecido como o próprio a ser utilizado naquela circunstância. Portanto pensar na aplicação dessa nova formação é evidenciar que há uma motivação intrínseca nesse preceito e que ele não necessariamente precisa ser relacionado à forma física, pode ser entendido também na forma mental.

A formação de novas palavras é um fenômeno básico das línguas e acontece dentro de grupos sociais que se ampliam pelo tamanho, crescem, mudam suas características e estabelecem novos padrões continuamente. Por causa de todo esse dinamismo, temos a organização conceitual, ou seja, novos signos perpetuam padrões, assim como a presença da arbitrariedade nesse fenômeno resulta da consolidação de convenções a partir de arquétipos hereditários.

Um exemplo disso é o que ocorre com o radical hipo – de raiz grega – que está relacionado ao significado de cavalo. Nesse caso, não há motivação entre as estruturas. No entanto, na formação de novas palavras que também não possuem motivação do tipo sonora ou visual, a regra estabelece que se deve manter o mesmo radical em caso de palavras de herança histórica – como hipódromo, hípica e hipismo. Com isso, essa marca passa a ser o que consideramos uma abstração da iconicidade mental, posto que a forma percebida não se refere à coisa ou à forma, mas sim a uma motivação conceitual. Assim, para abordar a questão da motivação, trataremos do conceito de signo linguístico que constitui o sinal-termo, na perspectiva de Charles Sanders Peirce (1839-1914).

2.1.1 *O signo linguístico na perspectiva de Peirce*

Na visão funcionalista, a estrutura lexical, assim como a estrutura gramatical, contém variáveis dependentes que possuem características motivacionais relacionadas ao meio, ou seja, no contexto de uso. Entre os teóricos que reconhecem o valor do meio na elaboração da concepção do objeto real, está o meio e o interpretante dinâmico – conexão esta que se realiza dentro da mente de uma pessoa. Peirce (1839-1914), um lógico matemático, foi um dos autores que concebeu a mais elaborada e decidida explicação alusiva aos sinais e seus significados (OGDEM e RICHARDS, 1976, p. 279). No livro *Semiótica* (2015⁴) ele demonstra interesse pela conceituação e significação das coisas, assim como pela formação e constituição do signo:

Um signo, ou *Representâmen*, é aquilo sob certo aspecto ou modo, que representa algo para alguém, isto é, cria, na mente dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido. Ao signo assim criado denomino Interpretante do primeiro signo. O signo representa alguma coisa, seu *objeto*. Representa esse objeto não em todos os seus aspectos, mas com referência a um tipo de ideia que o autor denomina fundamento do *Representâmen*. Um Signo é um *Representâmen* com um *Interpretante* (e mental). (PEIRCE, 2015, p. 46).

Para Peirce (ibidem), o signo representa algo que provoca ou modifica a ideia. É a forma de comunicar à mente algo exterior. Com isso, podemos compreender que o signo cria mediações reais nos contextos em que está relacionado, visto que traz consigo algo significativo: seu objeto. Ademais, não é apenas a coisa ou a situação que importa, mas sim a forma de uso do signo no meio. Por outro lado, o objeto é algo representado pela ideia da parte compreendida, não do todo. Essa relação é intermediada pelo terceiro termo, o interpretante, e traspasa a ideia de que o signo provoca uma significação na comunicação.

Dessa forma, no sistema teórico de Peirce, o signo não

⁴ PEIRCE, Charles S. *Semiótica*. Segunda reimpressão da 4ª edição de 2010. Tradução de José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2015. Título original – *The Collected Papers of Charles Sanders Peirce*.

pode estar desvinculado do objeto, dado que o próprio objeto gera o signo para um interpretante.

À vista disso, o objeto é necessário à representação que o cientista faz da realidade por configurar um elemento indissociável do signo. Desta feita, o signo não é a marca ou o nome de um objeto, ao contrário, ele corresponde à representação indireta gerada na mente de um indivíduo e, para certos propósitos, na mente de outrem (PEIRCE, 2015, p. 47).

Todo esse pensamento é estruturado em um esquema triangular. Nesse, o signo não pode estar desvinculado do objeto, pois é ele que gera o signo para um interpretante. Segundo Ogden & Richards (1972, p. 280), o esquema triangular de Peirce pode ser entendido como:

O objeto imediato [...] é o objeto tal como o próprio sinal o representa e cujo ser depende, pois, da sua representação no sinal, do objeto dinâmico, que é a realidade, a qual, por determinados meios, consegue determinar o sinal para a sua representação. [...] o interpretante imediato é o sinal tal como revelado na correta compreensão do próprio sinal e é vulgarmente chamando de 'significado' do sinal; [...] interpretante dinâmico é o efeito concreto que o sinal, como sinal, realmente determina.

Com base nessa explicação, podemos inferir que o signo possui uma estrutura complexa composta por três elementos principais: o fundamento, o objeto e o interpretante – estes dois últimos possuem subdivisões denominadas, respectivamente, Objeto Imediato e Objeto Dinâmico, Interpretante Imediato e Interpretante Dinâmico.

O fundamento do *Representâmen* do signo é estruturado por aspectos e propriedades que possibilitam ao signo ser um objeto imediato presente no próprio signo, isto é, a representação do objeto dinâmico, sua percepção e sua ideia. O objeto dinâmico, por sua vez, representa a realidade observada pelo intérprete, o falante.

De forma pragmática, podemos entender o interpretante imediato como aquilo que o signo está apto a produzir, basear a sua natureza e o seu fundamento. Portanto, ele se configura dentro

do signo. O interpretante dinâmico simboliza a produção na mente do indivíduo que pensa e percebe um ou múltiplos significados do mesmo objeto. Toda essa estrutura gera um signo produzido na mente e representado no meio social, no uso da linguagem.

Na pesquisa desenvolvida por Tuxi (2017) a autora, a partir da análise da constituição do signo linguístico, na visão de Peirce, que permite analisar as etapas de constituição de conceito do signo, passa a analisar a expressão: “despertar um efeito na mente, uma inquietação que pode levar a uma nova significação”. Assim a autora aponta que

...a ideia contida na frase “despertar um efeito na mente, uma inquietação que pode levar a uma nova significação” vai ao encontro da constituição de base de nossa tese, uma vez que a cognição que ocorre no mecanismo de formação em LSB é uma inquietação, uma inteligibilidade alusiva ao sinal que, muitas vezes, é inserido erroneamente no contexto de especialidade. Como Faulstich (2007, p. 155) afirma “o objeto dinâmico é um signo complexo, e a significação é um processo que se dá em cadeia de interpretantes de diferentes tipos”. (TUXI, 2017,p.81).

Isto posto, entendemos que o objeto dinâmico, quando criado fora do seu contexto de especialidade, não configura o signo linguístico com o interpretante relacional e correto. Quando isso ocorre, a língua, como elemento de constituição social, usa novas tentativas para contemplar seu usuário – caso falhe, ela passa nova inquietação e refaz todo o seu sistema.

Diante desse aprendizado, iniciamos um novo pensamento a respeito da criação de termos de especialidade na LSB, calçados na representação da tríade de Peirce (20015), em que a LS é compreendida pela perspectiva da constituição da língua como um elemento linguístico livre do aspecto da imagem e de uma má tradução da LO.

Dessa forma, o nosso objetivo é apresentar a estrutura e organização de um glossário bilíngue que registra o sinal-termo dentro do seu uso e de seu campo de especialidade. Ou seja, um registro que possibilita ao usuário bilíngue a percepção do conceito

real da área e que esta é distinta do léxico, que registrado nas línguas orais tem a mesma grafia. Dessa forma, será possível esclarecer e compreender a distinção entre o sinal e o sinal-termo, pois, no discurso de especialidade essa diferença de uso dá a possibilidade do sinalizador ou do intérprete e tradutor, ter o conhecimento real do que está sendo escrito ou falado das línguas orais para as línguas de sinais e vice-versa. Assim o glossário não pode ter uma estrutura e organização de equivalência e uso, mas sim uma constituição que permita um novo aprendizado sobre esses conhecimentos técnicos e científicos que constituem o saber das especialidades do mundo.

3. ORGANIZAÇÃO E ESTRUTURA DE GLOSSÁRIO BILÍNGUE LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA – LÍNGUA DE SINAIS PORTUGUESA: AS MACROESTRUTURAS E AS MICROESTRUTURAS.

Nesta pesquisa, entendemos a macroestrutura como um conjunto de informações oferecidas ao consulente antes de ter contato com o elemento principal da obra terminográfica, o verbete. De acordo com Tuxi (2017) as obras em LS ainda apresentam a macroestrutura registrada em LO na forma escrita, apesar de ser comumente a segunda língua do consulente. Segundo a autora, isso ocorre em virtude de grande parte dos dicionários serem impressos sem a duplicação em mídia de formato digital⁵, o que impede uma real educação lexicográfica. Nas análises feitas em obras lexicográficas e terminográficas, poucos foram os modelos de glossário que tinham uma macroestrutura em LS.

Na microestrutura encontramos, segundo Faulstich (1995, p. 23) “o conjunto de informações que estrutura como cada verbete do glossário deve ser descrito, nas fichas terminológicas, de acordo com o objetivo do Terminógrafo”. Por conseguinte, a autora descreve ainda os respectivos campos composicionais, a saber:

⁵ Entendemos mídias em formato digital como formas de arquivo em DVD, pendrive, blue-ray, etc.

Verbete = + entrada + categoria gramatical (+ - substantivo, + - sintagma terminológico, + - verbo) + - gênero + - sinônimo + - variantes + - fontes + - áreas + - subáreas + definição + fonte + - contexto + - fonte + - remissivas + - equivalentes + - fontes.

FAULSTICH (1995, p. 23)

O verbete acima é uma estrutura apresentada pela autora Faulstich (1995) como sendo a mais completa e que atende ao consulente, pois tem todos os itens possível que uma microestrutura deve ter. Nos estudos de glossários bilíngues, ou seja, em que o verbete seja grafado em Língua de Sinais, acreditamos que o verbete deve conter estruturas que possibilitem ao consulente a compreensão conceitual e estrutural do sinal-termo, ou seja, algumas das estruturas acima não devem ser utilizadas. Dentre as pesquisas analisadas, podemos destacar o verbete bilíngue elaborado por Felten (2016, p. 123), que apresenta a seguinte microestrutura:

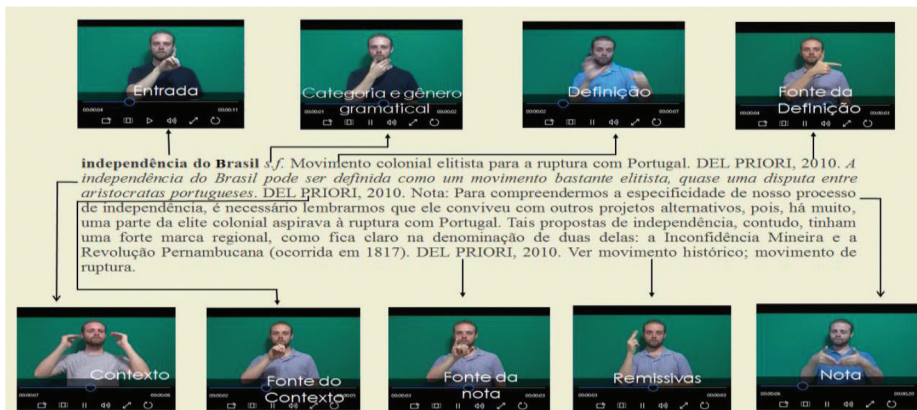


Figura 1 – Estrutura do verbete do Glossário Sistemico Bilíngue – Termos da História do Brasil
Fonte: FELTEN, 2016, p. 123

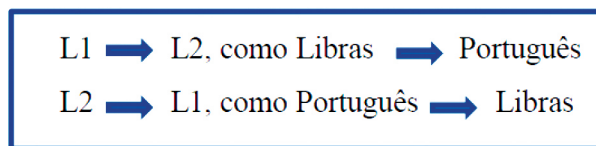
Tuxi (2017) destaca que o primeiro trabalho que registra o verbete na forma bilíngue é a pesquisa de Felten (2016), na qual os verbetes são apresentados tanto em LP quanto em LSB.

O glossário bilíngue tem por finalidade a descrição de dois termos. Esses são normalmente grafados em línguas distintas, sendo uma língua fonte ou língua de partida e a outra língua alvo ou língua de chegada. Para Faulstich (2010), registrar duas línguas em uma obra não a torna bilíngue, porque, “[...] não é somente a presença de duas línguas que torna um dicionário bilíngue, mas principalmente o motivo pelo qual as duas línguas são postas em contato” (FAULSTICH, *ibidem*, p. 175).

Para Tuxi (2017), a proposta de elaboração de um glossário bilíngue vem em resposta ao movimento social que exige uma política linguística de reconhecimento da língua e de sua estrutura. Como resposta, torna-se necessário elaborar materiais informativos sob a perspectiva bilíngue, na qual a L1 é a LSB, língua de comunicação e uso da comunidade surda, e a L2 é a LP, de registro escrito garantido pela Lei 10.436/2002.

Assim sendo, o motivo pelo qual desejamos registrar um glossário bilíngue (LSB – LP) advém da possibilidade de proporcionar ao discente surdo da UnB, quiçá de outras universidades brasileiras, informações acerca da estrutura social da qual ele faz parte, tanto na língua de comunicação (L1) como na língua de registro (L2).

Faulstich (2010, p. 174) apresenta a estrutura de um dicionário bilíngue em que uma das línguas é a LS. Veja a seguir:



FAULSTICH (2010, p. 174)

Dessa forma, na proposta de organização e estrutura de glossário que desenvolvemos a LSB precede a LP, pois pretendemos priorizar o contato inicial do consulente com o verbete em LSB para, em seguida, por meio de um ícone, acessar o verbete em português como segunda língua. Assim, a proposta de glossário bilíngue que apresentamos possui as duas línguas de forma concomitante, no tocante ao registro, contudo, a LS precederá a LP.

4. MODELO DE ORGANIZAÇÃO E ESTRUTURA DE GLOSSÁRIO BILÍNGUE LSB – LÍNGUA DE SINAIS PORTUGUESA

A macroestrutura que apresentamos faz parte da tese desenvolvida por Tuxi(2017). A autora apresenta uma proposta de estrutura e organização de Glossário bilíngue de Sinais-Termos Técnicos e Administrativos do Meio Acadêmico da Universidade de Brasília. Segundo Faulstich (1998, p.3) “A macroestrutura é também chamada de paralexigrafia, porque compõe o aparato de ordenação do texto”. A ordenação do glossário com as informações da macroestrutura é apresentada para o consulente por meio de lâminas.



Figura 2 – Lâmina com Apresentação do Glossário em LSB e LP
 Fonte: Tuxi (2017, p. 154)



Figura 3 – Apresentação da Macroestrutura do Glossário
 Fonte: Tuxi (2017, p. 156)

As duas primeiras lâminas se destinam a informar para o consulente o tema/título do glossário e o sinal da obra. Na que apresentamos acima aparecem em língua de sinais e em LP o título do glossário e a logo⁶. A segunda figura é a parte considerada essencial da macroestrutura pois mostra: i) objetivo do glossário; ii) público-alvo; iii) a forma de uso, ou seja, como o consulente pode usar o glossário; iii) a equipe responsável pela produção; e iv) um espaço destinado a dúvidas e sugestões, que no caso podem ser enviadas por vídeo ou escritas em língua de sinais ou na língua majoritária.

A próxima informação é a que consideramos como marca diferencial em grande parte dos glossários que possuem língua de sinais. Nessa pesquisa há a possibilidade de busca pela própria língua de sinais. Como pode ser observado abaixo, há três formas de busca: i) em língua de sinais, pela Configuração de Mãos – CM do sistema de escrita SignWriting – SW; ii) em LP, pela ordem alfabética; e iii) pelo campo semântico, no caso da pesquisa desenvolvida, o campo escolhido foram os Tópicos do Guia do Calouro da Universidade de Brasília – UnB.

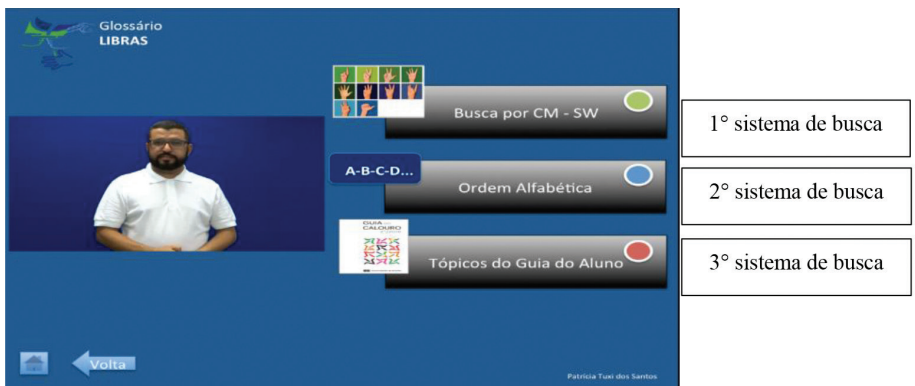


Figura 4 – Opções de Sistema de Busca
 Fonte: Tuxi (2017, p.156)

⁶ Logo adotada pelo Grupo de Pesquisa do Laboratório de Linguística de Língua Brasileira de Sinais – LabLibras, desenvolvida pelo designer Fábio Sellani. Destacamos que a logo representa os Glossários de Sinais-Termo desenvolvidos no laboratório de LSB da Universidade de Brasília.

Segundo Tuxi (2017), o primeiro sistema de busca foi organizado pelo registro e organização fonológica. Seguimos a proposta de Configuração de Mãos – CM de acordo com os dez grupos do Alfabeto Internacional de Escrita de Sinais – ISWA, que representam as formas das mãos propostas pelos Grupos de Configuração. O consulente pode escolher uma das CM e clicar no número. Em seguida, aparecem os sinais-termo referentes àquele Grupo de CM.

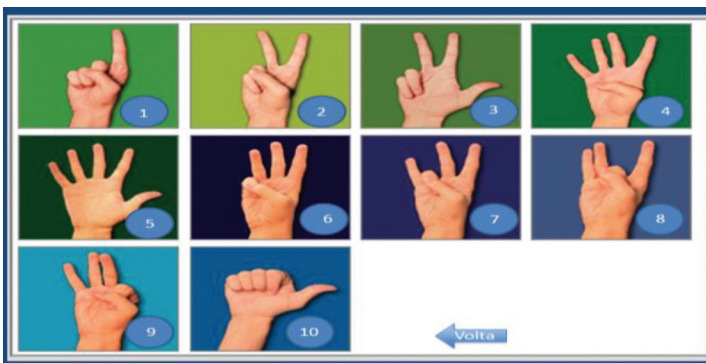


Figura 5 – Grupo de Configuração de Mãos baseado na Sequência-de-Símbolos em SW

Fonte: ADAPT STUMPF, OLIVEIRA e MIRANDA (2014)

O segundo sistema de busca se dá pela forma já conhecida no uso de glossários e dicionários que é a ordem alfabética. Basta o consulente clicar na letra que deseja e aparecem os sinais-termo escritos com a letra selecionada.

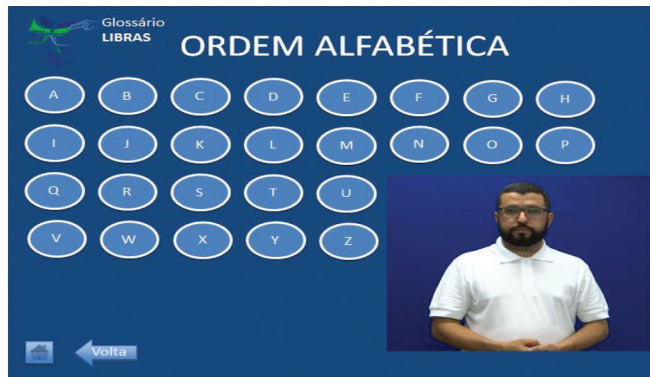


Figura 6 – Sistema de busca por ordem alfabética
Fonte: Tuxi (2017, p. 159)

O último sistema de busca é pelo campo semântico. No caso da pesquisa que apresentamos foi o Guia do Calouro da Universidade de Brasília. A autora destaca que no caso não foi possível trabalhar com campos semânticos, mas sim com uma estrutura por proximidade conceitual.

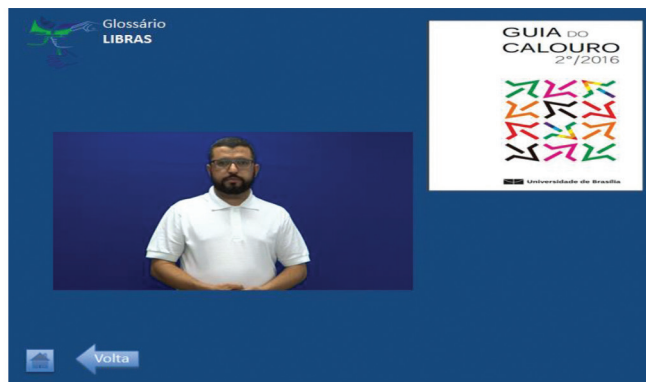


Figura 7 – Sistema de busca pelo Guia do Calouro 2/2016 da UnB
Fonte: Tuxi (2017, p. 160)

A próxima informação da macroestrutura é o campo de Dúvidas e Sugestões, que pode ser feito por meio de vídeos, língua de sinais escrita e escrita da língua majoritária. O e-mail tem como objetivo possibilitar além do contato por escrito ou vídeo, a criação de chats online pelo Gmail.

Finalizada a apresentação da macroestrutura, passamos para a microestrutura, a parte interna do glossário, ou seja, o verbete. Para Faulstich (1995, p. 23) é “onde ocorre a organização dos dados”. Portanto entendemos a microestrutura como um conjunto de informações baseadas no registro e na organização das Fichas Terminológicas.” O verbete abaixo, escrito em LP seguiu os campos conforme modelo original de Faulstich (2001, 2010, 2011).

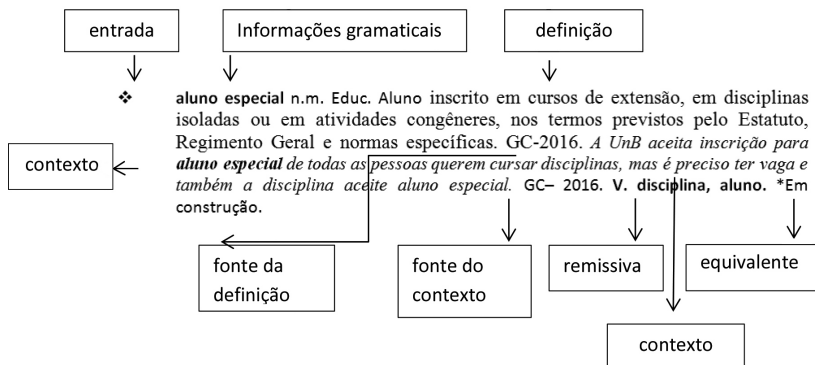


Figura 8 – Verbetes do termo Aluno Especial
 Fonte: Tuxi (2017, p. 165)

O verbete em LSB também é outra marca que diferencia esta pesquisa dos demais Trabalhos, pois foi preciso organizar as estruturas do mesmo de forma visual. Foi feito uma seleção de cores, explicada na macroestrutura conforme a figura ao lado.

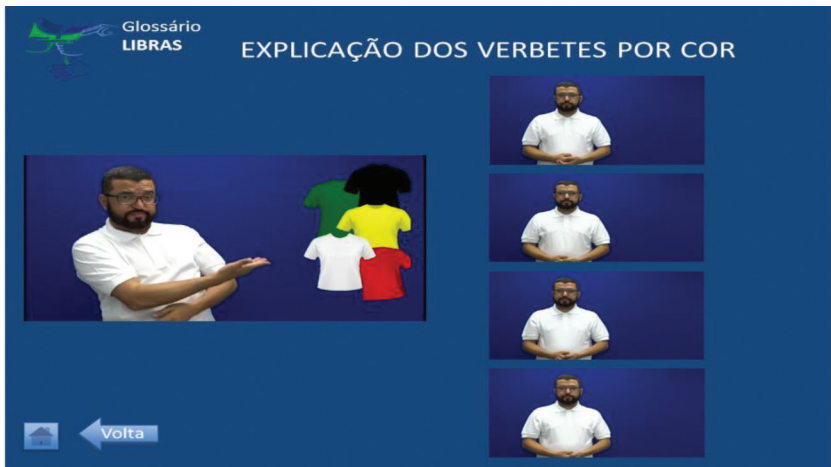


Figura 9 – Explicação dos Verbetes por cor
Fonte: Tuxi(2017, p. 166)

Segundo Tuxi (2017), cada cor de camisa tem uma função na constituição do verbete. Assim, há quatro cores para a constituição do verbete conforme pode ser observado abaixo.



Figura 10 – Verbetes em LSB
Fonte: Tuxi (2017, p. 166)

A blusa preta é usada no registro da entrada do verbete, a blusa de cor verde é usada no registro da definição; a blusa amarela é usada no registro do contexto, a blusa de cor vermelha é usada no registro de variante, quando houver. Abaixo da entrada, aparece a representação da escrita em LP e em LSB pelo SignWriting. Ao clicar no nome em português, o consulente é dirigido para o verbete em LP.

A autora destaca que no fim do verbete há círculos das cores verde, azul e vermelho, que correspondem respectivamente às possibilidades de busca. Portanto, se o consulente iniciar pela CM ou pela ordem alfabética ou pelo tópico do GC, a forma de apresentação do verbete será a mesma.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A organização e a estrutura de glossários bilíngues envolvendo LSB em sua maioria seguem estruturas já convencionadas pela língua majoritária. Na verdade, são obras que exigem do consulente o conhecimento da LP para terem acesso e uso efetivo. A proposta dessa pesquisa é oportunizar aos usuários de língua de sinais a possibilidade de realizar a busca de um determinado termo da Língua Portuguesa ou do sinal-termo em sua própria língua.

O sinal-termo é uma entidade com características, conceitos e representações linguísticas tal qual o termo nas línguas orais, ou seja, também deve ser organizado e estruturado tal qual o termo é em obras lexicográficas e terminográficas.

Neste trabalho apresentamos uma proposta de macroestrutura e microestrutura para a elaboração de dicionários, glossários e vocabulários bilíngues, Língua Portuguesa – LP e LSB.

Apresentamos uma proposta nova de registro, para que a organização e estrutura desse glossário atenda à peculiaridade das duas línguas, que possuem modalidades diferentes. Ao respeitar essa diversidade, elaboramos realmente um glossário bilíngue que atenderá o usuário de língua de sinais com respeito à sua primeira língua – L1.

Durante os estudos da pesquisa de doutorado e também deste trabalho, a autora reafirmou a necessidade de novas pesquisas

acerca de tecnologias associadas à linguagem, principalmente a línguas de modalidade viso-espaciais. Durante todo o processo, os sinais-termo foram gravados e salvos por meio de programas de computador comuns, pois não há ainda disponíveis em larga escala, programas específicos para registros, organização e estruturação de obras lexicográficas e terminográficas. Fica o destaque para um campo que precisa ser estudado.

Este trabalho deseja contribuir para os estudos da Terminografia e Lexicografia das Línguas de Sinais Brasileira, e deseja que pesquisas sobre a criação, o registro e a organização de verbetes cresçam nos meios acadêmicos.

Acreditamos ser uma proposta nova e que tem muito a ser observado, usado e repensado. Portanto desejamos que este seja o impulso para que novas pesquisas na área sejam desenvolvidas.

REFERÊNCIAS

- FAULSTICH, E. Redes de remissivas em um glossário técnico. In: *Léxico e terminologia* (Coletânea de Textos). Universidade de Brasília, 1993, p. 174-184.
- _____. Socioterminologia, mais que um método de pesquisa, uma disciplina. *Ciência da Informação*. Brasília, v. 24, n. 3, p. 281-288, 1995.
- _____. *Base metodológica para pesquisa em socioterminologia: termo e variação*. Brasília: Universidade de Brasília/LIV, 1995a.
- _____. *Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina*. *Ciência da Informação* (artigos), [S.l.: s.n.], v. 24, n. 3, 1995b.
- _____. *Da linguística histórica à terminologia*. Investigações (UFPE, impresso), Recife, v. 7, p. 71-101, 1997.
- _____. *Proposta metodológica para a elaboração de léxicos, dicionários e glossários*. Brasília: 2001. LIV/UnB/ Centro LexTerm, 2001.
- _____. Modalidade oral-auditiva versus modalidade visuo-espacial sob a perspectiva de dicionários na área da surdez. In: SALLES, H. M. M. Lima (Org.) *Bilinguismo dos surdos: questões linguísticas e educacionais*. cap. 6. GO: Cànone, 2007, p.119-142.

_____. Para gostar de ler um dicionário. In: RAMOS, Conceição de Maria de Araujo et al (Orgs.). *Pelos caminhos da dialetologia e da sociolinguística: entrelaçando saberes e vida – homenagem a Socorro Aragão*. São Luís, MA: EDUFMA, 2010. p. 166 – 185.

_____. *Avaliação de dicionários: uma proposta metodológica*. Organon, Porto Alegre, 2011, v. 25, n. 50, p. 181-220.

_____. *Relatório do Grupo de Trabalho designado pelas Portarias nº1.060/2013 e nº91/2013, contendo subsídios para a Política Linguística de Educação Bilíngue – Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa – MEC/ SECADI – 2014*.

_____. Nota lexical (2012). Disponível em: www.centrolexterm.com.br. Acesso em: 11 set. 2015.

FARIA-NASCIMENTO, S. P. *Representações lexicais da Língua de Sinais Brasileira*. Uma proposta lexicográfica. Brasília, 2009. 290 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2009.

FELTEN, E. F. *Glossário sistêmico bilíngue Português-Libras de termos da história*. 2016. 167 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

PEIRCE, C. S. *Semiótica*. Segunda reimpr. 4. ed. 2010. Trad. José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2015. Título original – The Collected Papers of Charles Sanders Peirce.

SOFIATO, C. G. *O desafio da representação pictórica da Língua de Sinais Brasileira*. Campinas, 2005. 114 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, 2005.

STUMPF, M. R; OLIVEIRA, J. S; MIRANDA, R. D. Glossário Letras Libras: a trajetória dos sinalários no curso: como os sinais passam a existir? In: QUADROS, R. M. (Org.). *Letras Libras: ontem, hoje e amanhã*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.

TUXI, Patricia. *A terminologia na Língua de Sinais Brasileira: proposta de organização e de registro de termos técnicos e administrativos do meio acadêmico em glossário bilíngue*. Tese (Doutorado em Linguística). QUADROS, R. M. (Org.) Universidade de Brasília, Brasília, 2017.